

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 13, n. 1, jun. 2020. ISSN 1981-4089

TURISMO, MOTIVAÇÃO E PAISAGEM: UM DIÁLOGO COM BAKHTIN¹

TOURISM, MOTIVATION AND LANDSCAPE: A DIALOGUE WITH BAKHTIN

NATALIA BARBOSA MATEUS

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Goiás - UEG, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO
nataliabarbosamateus@hotmail.com

Prof. Dr. VANDERVILSON ALVES CARNEIRO

Universidade Estadual de Goiás - UEG, Campus Henrique Santillo, Anápolis / GO
profvandervilson@yahoo.com.br

Prof. Dr. JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS

Universidade Estadual de Goiás - UEG, Campus Caldas Novas, Caldas Novas / GO
svcjean@yahoo.com.br

Prof. Dr. VINÍCIUS POLZIN DRUCIAKI

Universidade Estadual de Goiás - UEG, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO
geomobilidade@gmail.com

Resumo: Compreende-se que há uma relação inerente entre a motivação, a paisagem e o turismo, assim percebe-se a importância em se estudar essas diversas relações, não obstante encontra-se também conexões com a filosofia. Portanto, objetivou-se neste trabalho pensar a seguinte questão: é possível explicar a motivação do Ser enquanto um turista em contato com o mundo, ou especificamente com a paisagem, através das ideias do pensador Bakhtin? Para isso fez-se uma revisão bibliográfica e discussão teórica sobre as relações entre os conceitos de turismo, motivação e paisagem com as ideias do autor Bakhtin presentes na obra 'Para uma Filosofia do Ato'. Através do diálogo teórico percebeu-se que há uma heterogeneidade de teorias que tentam explicar esses fenômenos e que talvez não caiba uma resposta para a questão inicial levantada, mas sim outro questionamento. Seria a eventicidade do ato descrita por Bakhtin o que faz com que a motivação de um turista e o sentimento que uma paisagem desperta tão únicos e tão complexos de serem explicados teoricamente?

Palavras-chave: Turismo. Motivação. Paisagem. Bakhtin.

Abstract: It is understood that there is an inherent relationship between motivation, landscape and tourism, and realizes that is important studying these diverse relationships, also with philosophy. Therefore, the objective of this work was to think about the following question: is it possible to explain the motivation of being a tourist in contact with the world, or specifically with the landscape, through the ideas of the thinker Bakhtin? For this, a

¹ Texto elaborado para a disciplina Geografia e Ordenamento do Espaço Turístico, ofertada em 2019 (1º semestre) junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Goiás - UEG, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO, sob a coordenação dos docentes Jean Carlos Vieira Santos e Vinícius Polzin Druciaki.

bibliographic review and theoretical discussion on the relationship between the concepts of tourism, motivation and landscape were made with the ideas of the author Bakhtin present in the book 'For a Philosophy of the Act'. Through the theoretical dialogue it was realized that there is a heterogeneity of theories that try to explain these phenomena and perhaps there is no answer to the initial question raised, but another question. Could it be the eventicity idea described by Bakhtin that makes a tourist's motivation and the feeling that a landscape awakens so unique and so complex to be explained theoretically?

Keywords: Tourism. Motivation. Landscape. Bakhtin.

INTRODUÇÃO

Há quem busque o turismo para descansar do ambiente urbano e toda a sua complexidade arquitetônica, há também quem o busque para conhecer novos sabores com o anseio de experimentar uma culinária diferente da comida típica de sua cidade de origem. Há aqueles que buscam o turismo voltado a apreciação dos aspectos da geodiversidade (rochas, minerais, fósseis), sendo sua motivação caracterizada pela intenção de admirar um elemento do meio físico. O que esses turistas têm em comum é que eles procuram diferentes experiências por variadas motivações, entretanto, é possível inferir que um dos desejos mais populares que as pessoas possuem ao se pensar em praticar a atividade turística é poder apreciar uma paisagem.

O marketing voltado para a exposição de paisagens de ambientes naturais circunda por diversos panfletos turísticos, em sites de agências de viagens e comerciais na televisão, mas não somente de paisagens naturais. Locais como o Cristo Redentor no Rio de Janeiro ou a Torre *Eiffel* em Paris se configuram como paisagens construídas pelo ser humano desejadas de serem vistas por uma parcela considerável da população. Mas o que faz com que esses turistas busquem apreciar paisagens às vezes tão populares como as mencionadas e às vezes tão específicas e menosprezadas pela maioria? É notório que algo está por trás da realização de um ato turístico como alguns estudiosos denominam de motivação turística.

Diante disso compreende-se que há uma relação inerente entre a motivação, à paisagem e o turismo, assim percebe-se a importância em se estudar essas diversas relações, não obstante encontram-se também conexões com a filosofia. Pretende-se neste artigo, portanto, pensar essas relações mencionadas com as ideias do autor Bakhtin presentes na sua obra 'Para uma Filosofia do Ato' fazendo uma revisão bibliográfica e discussão teórica, não limitando as diferentes correntes de pensamentos que perpassam pelos assuntos que aqui

serão abordados, mas mostrar as divergências e pensar as semelhanças como possíveis relações.

Na obra de Mikhail Bakhtin, 'Para uma Filosofia do Ato', o autor discursa sobre a participação do Ser no mundo e explica: "eu dou com esse mundo, tanto quanto eu venho ou fluo de dentro de mim mesmo no meu ato ou ação de ver, pensar ou fazer alguma atividade prática" (BAKHTIN, 1993 p. 74-75). Considerando o que foi dito pensou-se a seguinte questão: é possível explicar a motivação desse Ser enquanto um turista em contato com esse mundo, ou especificamente com a paisagem, através das ideias de Bakhtin?

BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE BAKHTIN

Mikhail Bakhtin nasceu no ano de 1895 e viveu até 1975, foi um grande pensador Russo do século XX. De acordo com Renfrew (2018) ele viveu a maior parte de sua vida nas sombras e teve um tardio reconhecimento de suas ideias já nos anos 1960, aproximando-se de sua morte. O autor também ressalta que Bakhtin viveu uma difícil realidade marcada por descontinuidades políticas e culturais e um atraso temporal de seus escritos. O que o fez bastante incompreendido e ofuscado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Bergamini (1986) ao discutir as teorias da motivação cita duas diferentes correntes de pensamento sobre ela. Uma delas defendida pelos behavioristas a qual tem como fundamento principal: a força que motiva o sujeito não está intrínseca a ele, mas se origina de fatores externos que se impõe a sua vontade. A segunda vertente dos Cognitivistas infere o contrário dos behavioristas, nela os indivíduos possuem forças internas que podem ser caracterizadas pela percepção, pensamento e aprendizagem.

Para Reeve (2006) as teorias citadas não se anulam, ele acredita que a motivação está relacionada a processos que fornecem energia ao comportamento, podendo esses direcionarem as ações do indivíduo pelas suas próprias forças ou pelo ambiente. Onde os

motivos internos se baseiam nas necessidades, cognições e emoções e os motivos externos se configuram pelos incentivos ambientais, que podem atrair ou repelir o sujeito.

De acordo com Dias (2009) a análise da psicologia da motivação se caracteriza por uma série de questões, incluindo desde a fisiologia do sistema nervoso, processos emocionais, o desenvolvimento ontogenético, ou aspectos da natureza social e cultural. Para a Psicologia o comportamento humano é determinado pela motivação.

Sendo assim o autor supracitado também infere que várias questões são levantadas para se tentar explicar a motivação no âmbito do turismo, como o que leva alguém a escolher determinado destino para visita, por exemplo. Essas questões relacionadas as escolhas do turista destacam a importância dos fatores psicológicos, entretanto as teorias da motivação também utilizam de termos paralelos oriundos da psicologia, como: atitudes, desejos, necessidades, crenças, intenções comportamentais, preferências). Assim os estudos da motivação turística apresentam uma grande complexidade devido a sua fragmentação teórica, sendo um assunto de natureza interdisciplinar (DIAS, 2009).

Becker (2014) diz que o turismo se caracteriza de maneira peculiar, onde ao mesmo tempo em que se desenvolve como um fenômeno social o turismo também se configura como um objeto de estudo acadêmico, uma área do setor econômico, de atuação profissional e também representa uma atividade de lazer. Assim o turismo conta com estudos de várias áreas do conhecimento, como a geografia, filosofia, antropologia, psicologia etc.

Dessa forma o turismo se caracteriza como uma fonte para estudos tanto das ciências humanas aplicadas como também para as ciências sociais, tendo uma forte relação com a Geografia. Isso se deve ao fato do turismo utilizar o espaço geográfico como principal recurso para o desenvolvimento da atividade turística. E nesse espaço o que pode ser considerado como principal recurso motivador para o turista é a paisagem.

De acordo com Rodrigues (1992) a compreensão da paisagem no estudo do turismo é centrada no sujeito, onde as definições do que é paisagem dependem de quem a observa e analisa assim o conceito de paisagem se expressa por aspectos culturais e ideológicos. A autora supracitada também coloca que o estudo da paisagem no âmbito da Geografia do Turismo é de suma importância uma vez que o turista muitas vezes busca na viagem uma mudança de ambiente.

Assim como a motivação e o turismo, a paisagem pode servir de objeto de estudo para diferentes áreas do conhecimento como para a geografia e a filosofia. Corrêa e Rozendhal (1998) caracterizam a paisagem geográfica como possuidora de várias dimensões, podendo ser refletida do ponto de vista morfológico, por exemplo, como um conjunto de formas criadas pela natureza juntamente com criações antrópicas. Além disso, para os autores a paisagem é portadora de significados culturais, configurando uma dimensão simbólica.

Partindo de uma vertente de análise da paisagem mais filosófica, Simmel (1996) diz que não basta apenas olharmos árvores, rios, colinas, casas ou nuvens para inferirmos que estamos visualizando uma paisagem. Essa se caracteriza por um campo ótico, visual e sensorial definido pelo ser humano e que “já é em si uma produção espiritual” (SIMMEL, 1996, p. 15).

Além dos conceitos citados dois termos são fundamentais para melhor compreensão da análise que se pretende fazer, teoreticismo e eventicidade. O teoreticismo para Bakhtin representa todas as formas de pensamento que consideram que a cognição esgota a significação plena ou o valor do ato. E o ato pode ser entendido como pensamentos e afirmações e também ações. Assim para Bakhtin a descrição teórica jamais poderia abstrair a completude do ato no seu mundo real e único, onde pessoas reais e únicas desempenham esses atos. Dessa forma o teoreticismo carece da eventicidade, a qualidade que situa cada ato de maneira carnal e temporal, em uma pessoa que reconhece conscientemente sua responsabilidade por seu ato (RENFREW, 2018).

EXPOSIÇÃO DE PARA UMA FILOSOFIA DO ATO

Bakhtin inicia sua obra fazendo uma crítica à atividade estética ao colocá-la como incapaz de compreender a completude do evento único do Ser e considera que suas representações são objetivadas com relação ao seu conteúdo, onde elas se constituem apenas como um momento único na vida de um contemplador. Com isso ele faz uma crítica também ao teoreticismo, ao dizer que assim como a intuição estética, este último provoca uma divisão entre o ato e a sua experiência real e única do Ser. Pode-se considerar que a visão estética

(mundo da arte) se caracteriza como o extremo oposto do teoreticismo, ao particularizar demais o que o teoreticismo generaliza.

Dessa forma Bakhtin explica que o ato perde a sua totalidade ao ser relacionado à ciência, história ou arte, por exemplo. O autor então infere que essa tentativa de dar sentido ao ato faz com que o mundo se reparta em dois, sendo o primeiro aquele no qual cada um vive, realiza e o segundo o da cultura ou teórico. Assim Bakhtin explica que o nosso ato em sua experiência real vivida permite que cada um visualize os dois mundos, tanto o da cultura como o da vida, mas de lados opostos. Aqui o autor faz uma analogia com Jano Bifronte, um Deus Romano com duas faces. E acrescenta que “tudo o que é teórico ou estético deve ser determinado como um momento constituinte do evento único do Ser” (BAKHTIN, 1993, p. 20).

Para o autor os pensamentos, todo o conteúdo agregado em cada pessoa representa seu próprio ato e responsabilidade, onde toda sua vida pode ser considerada como um complexo ato ou ação singular realizada por si mesma. Bakhtin diz que no ato responsável não há nada de subjetivo ou psicológico e a verdade desse ato une os momentos psicológicos e subjetivos, assim como une também o que é universal com o individual.

O autor infere que o ato que se desenvolve no mundo e que se caracteriza de maneira completa, faz dele experimentado concretamente, onde se vê, ouve, toca e pensa. Um mundo repleto dos tons emocionais-volitivos e valores onde a participação reconhecida nele, transforma cada manifestação de sentimento, desejo, humor, pensamento em uma ação pessoal e responsável.

Entende-se que esse mundo é único para cada Ser, e que a ação consciente de cada um que age nele, proporciona um mundo arquitetônico, que está disposto ao redor do Ser e do centro do qual flui essa ação. Aqui se remete a citação levantada na introdução que diz: “eu dou com esse mundo, tanto quanto eu venho ou fluo de dentro de mim mesmo no meu ato ou ação de ver, pensar ou fazer alguma atividade prática” (BAKHTIN, 1993, p. 74-75). Para o autor esse lugar único que faz fluir de si mesmo se conecta a todas as relações espaciais e temporais, fazendo-as ganharem valor no todo arquitetônico concreto.

Bakhtin continua dizendo que se nós nos retiramos do centro que configura nossa participação única no Ser, a unicidade concreta e a realidade do mundo começam a se

decompor em momentos meramente abstratos universais. Logo, a arquitetônica de um mundo experimentado se torna uma unidade sistemática, não temporal, não espacial e sem valores. Assim o autor afirma novamente que apenas a relação consigo mesmo, aquele que pensa ativamente, como uma ação realizada pelo pensamento responsável, que se obtém a unicidade real e válida do mundo. De maneira que o que é universal não se configura como uma experiência vivida nele imediatamente, assim as pessoas e elementos da natureza, como o céu, a árvore necessitam da relação conteúdo-sentido. “Qualquer coisa tomada independentemente de, e sem referência ao centro único de valor do qual flui a responsabilidade de um ato realizado se desconcretiza e se (des) realiza” (BAKHTIN, 1993, p. 76-77).

O autor infere que o discurso da filosofia do ato não está baseado na pretensão de fornecer um inventário de valores ou um tipo de sistema, onde conceitos se relacionam sob uma perspectiva lógica. Mas sim propor uma descrição concreta do mundo de valores experimentados, tanto espacialmente quanto de maneira temporal, de onde surgem ações, e onde “os membros constituintes são objetos reais, interconectados por relações-eventos no evento único do Ser” (BAKHTIN, 1993, p. 78).

Dessa forma Bakhtin (1993) propõe analisar o mundo da visão estética ou o mundo da arte por acreditar ser o mais próximo do mundo do ato realizado. Ele infere que uma análise da visão estética possibilita um entendimento mais próximo da estrutura da arquitetônica do mundo-evento real. Onde a visão da arte se configura como uma unidade arquitetônica concreta, na qual o mundo se dispõe de um centro valorativo concreto, que é amado, visto e pensado pelo ser humano. Assim para o autor na visão estética alguém ama outro ser humano não porque ele é bom, mas ele é bom porque esse alguém o ama.

Com isso todos os momentos formais abstratos só se constituem de valor quando correlacionados com o valor concreto de um ser humano mortal. “Todas as relações espaciais e temporais apenas em relação a ele adquirem significado valorativo: ‘alto’, ‘longe’, ‘acima’, ‘abaixo’, ‘abismo’, ‘ilimitado’” (BAKHTIN, 1993, p. 82).

Bakhtin acredita, portanto, que a melhor maneira de elucidar o que foi dito sobre a arquitetônica do mundo na visão estética correlacionada ao centro de valores, que é o ser humano, é por meio de uma análise da forma-conteúdo de uma obra. Ele considera para tal o

seguinte poema lírico “Separação” *Rasluka* (nome original), de Pushkin, escrito em 1830.

*Com destino as praias de sua pátria distante
Você estava partindo desta terra estrangeira.
Naquela hora inesquecível, naquela triste hora,
Eu chorei diante de você por um longo tempo.
Minhas mãos, mais e mais frias,
Lutavam por trazê-la de volta.
Meus lamentos imploravam que você não interrompesse
A angústia terrível da despedida.*

*Mas você arrancou os seus lábios
Do nosso beijo amargo;
De uma terra de sombrio exílio
Você me chamava para uma outra terra.
Você disse: “No dia do nosso encontro
Sob um céu eternamente azul
Na sombra das oliveiras,
Nós mais de uma vez, meu amado, uniremos nossos beijos de amor”.*

*Mas lá – oh! – onde o arco celeste
Brilha seu azul radiante,
Onde as águas dormem sobre o abismo,
Você para sempre adormeceu:
Sua beleza e seus sofrimentos
Desapareceram no túmulo –
E o beijo do nosso encontro desapareceu também...
Mas eu estou esperando por esse beijo que você me deve...*

Em relação à análise de Bakhtin sobre o poema ele explica a eventicidade e o centro de valor ao exemplificar a questão da Itália ser um mesmo referencial como conteúdo-sentido para ambos os participantes do poema. Entretanto o lugar se diferencia para cada como momento-evento com valores diferentes tanto para ele, como para ela: “para ela é uma terra natal, para ele uma terra estrangeira; o fato da sua ida é para ela um retorno, enquanto para ele uma partida” (BAKHTIN, 1993, p. 88). Assim através da arquitetônica do poema Bakhtin demonstra que os momentos são constituídos na unicidade de cada Ser, dessa forma o espaço e tempo (terra-natal, distância e passado) ganham valor a partir desse Ser que concretiza esses momentos únicos.

O autor então explica que essa arquitetônica da visão estética permite que nós sejamos apenas contempladores dela. “De dentro de uma arquitetônica estética, não há saída para o mundo daquele que age, porque ele está situado do lado de fora do campo da visão estética objetivada” (BAKHTIN, 1993, p. 90).

Bakhtin a partir disso comenta sobre o que seria a arquitetônica do mundo real e explica que é fundamental nela a diferença entre eu e o outro, onde há dois centros de valor diferentes, e desses centros de valor que os momentos concretos de cada Ser se definem. Assim na arquitetônica da visão estética há apenas outros, e se constitui apenas como um momento da arquitetônica real e para Bakhtin “O mais alto princípio arquitetônico do mundo real do ato realizado ou ação é a contraposição concreta e arquitetonicamente válida ou operativa entre eu e o outro” (BAKHTIN, 1993, p.91).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto é possível inferir diversos questionamentos, mas também pensar as ideias de Bakhtin relacionadas ao turismo, motivação e a paisagem. Pretende-se neste tópico, portanto, fazer algumas observações quanto a essas possíveis interações mencionadas.

Através da exposição teórica sobre a motivação foi possível compreender que há uma diversidade de conceituações, sendo considerada oriunda de fatores externos, ou por forças internas como a percepção e também o conjunto de fatores externos e internos. Portanto a

motivação se segmenta em diversas vertentes de estudos e tentativas de conceituação, o que nos permite fazer o seguinte questionamento quanto a motivação turística: um turista é motivado por fatores externos a ele como por uma paisagem, por exemplo, ou a sua admiração por uma paisagem se configura primeiro de maneira intrínseca, através de uma força interna, e isso o motiva a praticar o turismo?

Georg Simmel discute uma questão semelhante no seu livro *A Filosofia da Paisagem*. O autor faz uma analogia da complexidade em se explicar o sentimento que uma paisagem transmite com o amor a outro ser humano. O autor infere que poderíamos pensar que quando amamos o outro começamos a ter uma visão diferente dele, para a qual o sentimento se alinha, mas na verdade essa visão só surge ao mesmo tempo com o sentimento de amor. Assim não saberíamos dizer se a imagem do outro levou ao amor ou se o amor gerou a transformação da imagem (SIMMEL, 1996).

Bakhtin propõe uma analogia semelhante ao explicar o mundo da visão estética, porém para ele nós amamos outra pessoa não porque ela é boa, mas ela é boa porque nós a amamos, assim dentro do mundo da arte, o qual se aproxima da filosofia do ato, poderíamos inferir que a paisagem ganha valor apenas porque há um Ser que concretiza a ela significados valorativos. Assim da mesma forma que no poema a Itália se mostra com valores diferentes para os participantes, se configurando ora como uma terra natal e ora como terra estrangeira, poderíamos inferir que o mesmo ocorre com a paisagem e os seus diferentes significados valorativos para diferentes turistas.

Mas compreender essa motivação turística através da visão estética ou da cognição para Bakhtin não é totalmente esclarecida porque para ele a cognição e a intuição estética representam apenas um momento do ato responsável, ou seja, o ato que pode ser entendido como pensamentos, afirmações e ações, ao tentar ser explicado perdem a sua unicidade como ato real experimentado. Assim pode-se inferir que o teoreticismo descrito pelo autor generaliza os momentos únicos vividos pelos turistas em algumas teorias discutidas por várias áreas de estudo. Talvez essa fragmentação teórica se dê justamente porque a teoria é capaz de explicar apenas uma parte do ato, da mesma forma a visão estética, como coloca Bakhtin.

Na introdução foi levantada a seguinte questão: é possível explicar a motivação do turista em contato com esse mundo, ou especificamente com a paisagem, através das ideais de

Bakhtin? Dizer que é possível explicá-la talvez entre no teoreticismo ou na intuição estética que Bakhtin diz serem incapazes de abstraírem a completude do Evento real único do Ser, mas talvez seja melhor pensar essa questão através de outra pergunta. Seria a eventicidade do ato descrita por Bakhtin o que faz com que a motivação de um turista e o sentimento que uma paisagem desperta tão únicos e tão complexos de serem explicados teoricamente?

Essas foram as observações levantadas sobre a filosofia do ato e toda a sua unicidade como experiência real do Ser, ou especificamente do Ser enquanto turista.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Toward a philosophy of the act**. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BECKER, E. L. S. Geografia e turismo: uma introdução ao estudo de suas relações. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 6, n 1, p. 52-65, 2014.
- BERGAMINI, C. W. **Motivação**. Atlas, 1986.
- DIAS, F. T. P. Visão de síntese sobre a problemática da motivação turística. **Revista Científica do ISCET (Percurso & Ideias)**, Porto, n. 1, p. 177-243, 2009.
- REEVE, J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2018.
- RODRIGUES, A. B. Geografia e turismo - notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia - USP**, São Paulo, n. 6, p. 71-82, 1992.
- SIMMEL, G. A filosofia da paisagem. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 12, p. 15-24, 1996.